
PROGYMNASMATA: EXERCÍCIOS RETÓRICOS PARA O ENSINO DO TEXTO DISSERTATIVO ARGUMENTATIVO

Helia Coelho Mello¹
Analice de Oliveira Martins²

RESUMO: Considerando-se a necessidade atual do ensino do texto dissertativo-argumentativo nas escolas do Ensino Médio no Brasil, este artigo apresenta um modelo-piloto de atividades que exercita o espírito crítico do aluno, tornando-o capaz para a produção escrita desse gênero textual em provas de Enem. O estado do conhecimento atingido a partir dos estudos realizados pelas autoras gerou uma metodologia para o ensino dessa modalidade textual, baseada, com as devidas adaptações às circunstâncias atuais, em teoria proposta pela retórica clássica — utilização dos *progymnasmata* —, tendo em conta experiências paralelas realizadas nos Estados Unidos e na Europa. Esse modelo poderá ser utilizado e adaptado pelos professores de Produção Textual do Ensino Médio para complementar o ensino desse gênero textual em escolas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Texto dissertativo-argumentativo; *Progymnasmata*; Ensino Médio.

ABSTRACT: Considering the current need for the teaching of argumentative dissertation in high schools in Brazil, this article shows a pilot model of activities that exercises the critical spirit of the student, making them capable for the composition of this textual type in tests of Enem. The state of the knowledge obtained from the studies carried out by the authors generated a methodology for the teaching of the school dissertation, based, with the appropriate adaptations to the current circumstances, in theory proposed by the classical rhetoric-use of *progymnasmata*-, taking into account parallel experiments carried out in the United States and Europe. This model can be used and adapted by teachers of Textual Production of High School to corroborate with the teaching of this textual type in Brazilian schools.

KEY-WORDS: Argumentative dissertation; *Progymnasmata*; High School.

Considerações Iniciais

Progymnasmata eram exercícios retóricos presentes em manuais originados na Grécia antiga e distendidos durante o Império Romano, executados por estudantes de Retórica, que começavam a sua escolaridade com idades entre doze e quinze anos. O objetivo desses exercícios era preparar os alunos para a escrita de discursos completos (*oratio*) depois de terem terminado os seus estudos com os professores de Gramática e Retórica. Eram treinamento preliminar para as partes deles: fábulas para o proêmio; narrativas e descrições

¹ Doutora e Mestre em Cognição e Linguagem- Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). heliacelho14@gmail.com. Bolsas: Faperj (Uenf) e Capes (Doutorado Sanduíche-Universidade do Porto).

² Doutora em Estudos de Literatura pela PUC-RIO. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem (UENF). analice.martins@terra.com.br.

para as narrações; refutação e confirmação para as provas; lugar-comum para os epílogos. As máximas e crias eram muito úteis e utilizadas nas cinco partes (KENNEDY, 2003, p.144).

Fleming (2003, p.110-111) diz que muitos exercícios em muitas versões dos *progymnasmata* continham o mesmo esquema pedagógico: primeiro, os estudantes eram apresentados ao exercício a ser produzido que era nomeado, definido e, algumas vezes, dividido em subtipos; depois, em um segundo momento, era ensinada a arte da *inventio*, da escolha de palavras e pensamentos utilizados no texto; posteriormente, o estudante aprendia critérios para avaliar exemplos de produções do gênero textual (ex.: um conto tinha que ser breve, claro, verossímil, cheio de expressão); em um quarto momento, o estudante lia e ouvia um texto modelo do gênero abordado no exercício; e, finalmente, era convidado pelo autor ou professor a escrever um texto de sua autoria.

Segundo Junior (2005, p. 2), “A primeira menção do termo *progymnasmata* é feita na *Rhetorica ad Alexandrum*, obra provavelmente escrita por Anaxímenes de Lâmpsaco contemporânea da Retórica de Aristóteles, século IV a.C.” e “as expressões latinas que traduzem esse termo grego são *primae exercitationes* e *preexercitamenia*, e bem podem traduzir-se por 'exercícios preliminares' ou 'preparatórios de retórica'”.

O nome *progymnasmata* se refere à função dos exercícios. Se as formas elevadas do treinamento escolar eram as declamações (“gymnasmata” em grego); então, o que os preparava era a pré-declamação (*progymnasmata*).

Assim Junior conceitua os *progymnasmata*:

Exercícios que habilitavam o aluno a desenvolver as suas competências oratórias e literárias pelo estudo exaustivo de cada uma das partes da arte retórica, e, consequentemente, pelo exercício das diversas espécies de prova, bem como das respectivas linhas estratégicas de narração e argumentação, tornando fácil na prática o que à partida se afigurava tão difícil. (...). O resultado que se tinha por norma em vista era a arte de escrever e falar com clareza, correção, coerência e eficácia na percepção daquilo a que os retóricos antigos chamavam *kairos*. O que se pretendia com estes exercícios era despertar nos alunos competências intelectuais e estrutura mental que os estimulassem a ler, escrever, falar, ouvir e pensar criticamente; numa palavra, a usar o raciocínio lógico para a solução dos problemas que o dia-a-dia lhes ia colocando tanto na vida pública como privada. (JUNIOR, 2005, p.1- 2).

Fleming (2003, p.109-110) acredita que o desenvolvimento da tradição dos *progymnasmata* provavelmente ocorreu durante a era do terceiro ao quinto séculos depois de Cristo, quando uma sequência de aproximadamente 12 exercícios emergiu como um currículo

modelo para instrução da escrita e da fala. Segundo o autor, quatro manuais subsistiram da Antiguidade, todos gregos, e seus autores eram: Téon de Alexandria (final do século I d.C.), Hermógenes de Tarso (século II d.C.), Aftônio de Antioquia (final do século IV d.C.) e Nicolau de Mira (final do século V d.C.). Uma tradução latina dos *progymnasmata* de Hermógenes, escrita por Prisciano no início do século VI também subsistiu. Das coleções de exercícios modelos, a atribuída a Libânio (professor de Aftônio) é a maior.

Cada professor grego adotou uma sequência de exercícios, que variavam entre eles de 10 a 14. No quadro a seguir, há a sequência adotada por cada um:

Téon	Hermógenes	Libânio	Aftônio	Nicolau de Mira
1-cria e máxima	1- fábula	1- fábula	1- fábula	1- fábula
2- fábula	2- narrativa	2- narrativa	2- narrativa	2- narrativa
3- narrativa	3- cria	3- cria	3- cria	3- cria
4-lugar-comum	4- máxima	4- máxima	4- máxima	4- máxima
5- descrição	5- refutação e confirmação	5- refutação e confirmação	5- refutação e confirmação	5- refutação e confirmação
6- etopeia	6-lugar-comum	6- lugar-comum	6- lugar-comum	6- lugar-comum
7-encômio e vituperação	7- encômio e vituperação	7- encômio e vituperação	7- encômio e vituperação	7- encômio e vituperação
8- comparação	8- comparação	8- comparação	8- comparação	8- comparação
9- tese	9- etopeia	9-personificação	9- etopeia	9- etopeia
10-proposta de lei	10- descrição	10- descrição	10- descrição	10- descrição
	11- tese	11- tese	11- tese	11- tese
	12-proposta de lei	12-proposta de lei	12-proposta de lei	12-proposta de lei

Figura 1: Sequência de exercícios adotada pelos autores gregos de manuais de *progymnasmata*.
 Fonte: elaborada pelos autores.

O texto dissertativo-argumentativo nas provas de redação do Enem

O texto dissertativo-argumentativo é a modalidade textual exigida nas provas de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) no Brasil. A Cartilha do Participante de 2017 assim orienta o aluno sobre os objetivos que deve cumprir na elaboração da redação:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. Nessa redação, você deverá defender uma tese – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes,

estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual. Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você deverá, também, elaborar uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto que respeite os direitos humanos. (BRASIL, 2017, p.7)

As dificuldades que os alunos do Ensino Médio têm para a produção desse texto são evidenciadas nos resultados das provas, a cada ano, e exemplificadas no gráfico seguinte que ilustra os resultados dos participantes de 2015 em cada uma das cinco competências avaliadas:



Figura 2- Desempenho médio nas competências em Redação.
Fonte: OLIVEIRA in <https://maisenem.meritt.com.br/diagnostico-pedagogico>.

A avaliação da redação visa verificar se o aluno demonstra domínio da norma culta da língua escrita (competência 1) ; compreende a proposta de redação e aplica conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa (competência 2) ; seleciona, relaciona, organiza e interpreta informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista (competência 3) ; demonstra conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação (competência 4) ; elabora proposta de solução para o problema

abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural (competência 5). Portanto, a avaliação da capacidade de argumentação está presente em quatro desses critérios, com exceção da competência 1 que verifica se o aluno respeita as normas da Língua.

Nas quatro primeiras competências citadas, como mostra a figura 1, a média de notas no Brasil em 2015, por exemplo, ficou entre 152 e 153 pontos em cada uma delas em um total de 200. Já a proposição de soluções (competência 5, que é exigida, no Brasil, exclusivamente, nas provas de redação do Enem) mostrou ser a maior dificuldade dos candidatos, com média de apenas 135 pontos.

Constatada essa situação, decidimos propor a utilização dos *progymnasmata* no Ensino Médio, como uma metodologia complementar à utilizada pelo professor de Produção Textual para o ensino do texto dissertativo-argumentativo, por considerarmos esses exercícios ideais para o exercício do espírito crítico do aluno, tornando-o mais habilitado para posicionar-se diante dos temas que são propostos nas provas do Enem.

Progymnasmata na atualidade

Muitos professores de Produção Textual da atualidade desconhecem o currículo (desenvolvido há mais de 2000 anos pelos gregos e disseminado pelos romanos) baseado na utilização dos *progymnasmata*, exercícios que ensinavam os alunos a pensar, agir e falar bem. Sabemos que os estudantes na atualidade precisam exercitar o pensamento crítico, a discriminação de valores por meio de seus próprios julgamentos, comunicar-se efetivamente para o seu próprio bem e para o da sociedade também e os *progymnasmata* podem exercitá-los para que sejam capazes de atuarem com sabedoria na vida e nos textos que produzem. Os tópicos de escrita dos *progymnasmata* propostos aos alunos encorajam-nos a uma exploração aprofundada dos problemas porque os levam a pensar em valores fundamentais como igualdade, justiça, convivência, vantagens, segurança, possibilidade, propriedade, racionalidade, consistência, credibilidade e muitos outros. Esses exercícios oferecem estrutura e pontos de partida para os estudantes para que não comecem o texto do nada e, além disso, não prescrevem número de frases ou parágrafos, os alunos focam as ideias e não a extensão do texto, ou seja, os alunos progridem com os exercícios não a partir de uma fórmula ensinada

pela escola (o modelo dos cinco parágrafos, por exemplo) para a sua escrita própria, mas sim por meio desses tópicos propostos que os levam a refletirem bastante sobre assuntos importantes relacionados à vida real para que, futuramente, possam produzir seus discursos fundamentados em seus próprios posicionamentos com mais facilidade.

Experiências pedagógicas em muitos países têm se beneficiado da utilização da teoria clássica, dos exercícios de composição retórica prescritos na literatura dos *progymnasmata*. Adaptá-los à realidade brasileira é possível, e pretendemos apresentar, nesse artigo, uma pequena amostra de como alguns deles poderiam ser utilizados no Ensino Médio.

D'Angelo afirma que esses exercícios “superam os problemas do formalismo vazio, falta de objetivo, e falta de retoricidade das pedagogias tradicionais correntes e de outros tipos que têm sido alvo de críticas nas recentes teorias de composição” (D'ANGELO, 2000, p. xix). Sigrell ao defender o uso dos *progymnasmata* no ensino na atualidade, além de apontar a sua significância para o exercício da linguagem, destaca que

pelos exercícios (...) há um momento de “inventio”, no qual os alunos precisam formular anti-teses para seus próprios pontos de vista, contrários que poderiam ser vistos como objeções e contra-argumentos razoáveis, o que facilita o entendimento de que deve haver algo a ser aprendido mesmo a partir de opiniões diametralmente opostas³. (SIGRELL, 2003, p.116).

Nesse artigo, optamos pela escolha de três exercícios para ilustrar a importância dos *progymnasmata*: refutação, confirmação e lugar-comum.

Refutação, Confirmação, Lugar-comum e o desenvolvimento da criticidade

Consideramos os exercícios de refutação, confirmação e lugar-comum muito eficientes para o treinamento do posicionamento crítico, já que, nos dois primeiros, há a busca da verdade ou da falsidade de uma afirmação, de um ponto de vista, confirmando-se ou negando-se a sua verdade ou probabilidade; e, no terceiro, tenta-se amplificar uma opinião geralmente aceita e aspectos positivos e negativos existentes em determinada situação comum a várias pessoas. O exercício de refutação, aliado ao de confirmação, compreende o exercício da tese, já que se argumenta em relação a dois lados de uma questão.

³ Tradução nossa de: “Throughout the exercises (...) there is an invention moment, where the students are supposed to formulate anti – theses to their taken standpoints, contraries that could be seen as objections and reasonable counter – arguments, something that facilitates the understanding that there might be something to learn even from diametrically opposed opinions.”

Clark afirma que “O objetivo dos exercícios retóricos não era, de modo geral, fazer a verdade prevalecer, mas fazer um lado da questão debatida parecer tão plausível quanto possível e então dar a volta à questão e fazer o outro lado da questão parecer tão justa como plausível⁴.” (CLARK 1957, p.212 apud GIBSON 2014, p.2).

Refutação

Os exercícios de refutação consistem em rebater algum assunto proposto pelo professor e conhecido pelo aluno. São um ataque ao ponto de vista contrário, contestando a verdade ou probabilidade de uma ação ou declaração. Após a censura inicial, o aluno deve fazer resumo da questão e contestá-la por ser obscura, inverossímil, impossível, ilógica, inadequada, inútil.

Aspectos que podem ser refutáveis: improbabilidade — propriedade de algo que possivelmente não irá ocorrer ou não seja verdadeiro, mas há uma chance para que ocorra ou que seja verdade; inverossimilhança — característica de algo que não tem chance alguma de acontecer ou de ser verdadeiro, incompatível com as circunstâncias de pessoa, lugar, tempo e causa; obscuridade — partes de textos podem parecer sem clareza por vários motivos: o leitor não prestou atenção cuidadosamente, o autor decidiu não fazer uma explicação completa ou não desenvolveu o enredo e a caracterização dos personagens suficientemente e deixou para o leitor a tarefa de adivinhar isso; inapropriação, inadequação — é impróprio o que não se adequa à condição e dignidade de uma pessoa, às leis e costumes de uma cidade, o que produz desonra; impossibilidade — o impossível se opõe à natureza e não pode ser produzido com as forças do corpo, do dinheiro, do talento; inutilidade — é inútil aquilo que não produz dignidade ou honra.

Deve-se organizar a refutação seguindo os seguintes tópicos:

1- Exórdio repreendedor — repreensão ao que foi afirmado, atacando costumes, talento, educação, linhagem da pessoa que declarou algo.

2- Exposição — análise da forma de pensar e intenção – porque a pessoa opina deste modo.

⁴ Tradução nossa de: “The aim of the rhetorical exercises was not in general to make truth prevail, but to make one side of a debatable question seen as plausible as possible and then turn around and make the other side of the question seen just as plausible.”

- 3- Obscuridade.
- 4- Inverossimilhança.
- 5- Impossibilidade.
- 6- Incoerência.
- 7- Inadequação.
- 8- Inutilidade
- 9- Epílogo- confirmação da tese e exortação ao leitor para que concorde com ela.

Esses tópicos devem ser dispostos de modo que a força da refutação vá crescendo sempre de forma gradual, mostrando primeiro que o que se refuta não ocorreu, que não é verossímil e, finalmente, que não pôde acontecer (CUSTÓDIO, 2003, p.171).

Confirmação

Confirmação é a demonstração da coisa proposta. Deve-se confirmar não o que é totalmente verdadeiro e nem o que é totalmente inverossímil, mas, o que tem uma interpretação duvidosa e pode gerar opiniões divergentes. Esse exercício consiste em tentar provar um ponto de vista, confirmando sua verdade ou probabilidade.

A confirmação segue os mesmos passos da refutação, só que para elogiar. Então, a fim de confirmar algo, o aluno deveria elogiar o autor ou fazer um resumo do que foi declarado, ou seja, uma breve exposição, e confirmar o fato por ser claro, verossímil, possível, coerente, adequado, útil e fazer um epílogo.

Exemplos de Refutação e Confirmação a partir da mesma proposta

A seguir, apresentaremos uma tradução nossa de exemplos apresentados por Custodio em *Alfonso de Torres. Ejercicios de Retórica* (2003), em que a autora apresenta uma edição crítica e também a tradução dos exercícios em latim propostos por Alfonso de Torres no ano de 1569 em sua obra *Rhetoricae Exercitationes*.

Refutação

Que é vã e inacreditável o que os poetas falam sobre Orfeu.

Exórdio: Naqueles tempos antigos, os poetas inventaram muitas coisas que merecem ser evitadas nas conversas cotidianas de todo o mundo, e cada um deveria cuspir e vomitar o veneno da repreensão neles, pois parece que as elaboraram não para que fossem úteis ou para que servissem para corrigir a natureza corrupta e viciosa, mas, ao contrário, só para o prazer dos ouvidos e para provocar gratas impressões aos sentidos. Penso que esse gênero engloba o que falaram sobre Orfeu e que foi legado à posteridade nas narrativas fictícias de seus escritos.

Exposição: Orfeu, dizem, foi filho da musa Calíope com Apolo. Quando Mercúrio lhe entregou a lira que acabara de inventar, ele tirou tanto dela que com o ritmo das cordas e a doçura de seu delicadíssimo canto podia deter o curso mais veloz dos rios, domesticar feras e bestas desconhecidas com versos sedutores e arrancar os bosques do lugar onde se encontravam e as raízes de onde nasceram. Mas, um dia, quando passeava com as dríades pela beira do Hebro, a ninfa Eurídice – com quem ele tinha um fortíssimo vínculo de matrimônio, pisou em uma serpente que estava escondida no mato que enroscou-se nela e a matou com picadas venenosas. Assim Orfeu, deprimido como estava pela enorme desgraça e pela ferida tão grave e incurável que havia recebido, desceu ao inferno, onde começou a cantar de forma tão doce que trouxe às sombras um infinito prazer, fazendo com que se esquecessem de suas penas com que os seus senhores – de crueldade sem limite – lhes castigavam de modo muito severo; e, ao final, rogou que lhe devolvessem a sua queridíssima Eurídice, por quem estava perdidamente apaixonado.

A partir da obscuridade: Como esta ficção é tão obscura, e encontra-se envolta por suas trevas tão grandes e profundas, ninguém, por muito que agrade com todo o potencial de sua eloquência, a faria clara e transparente a um homem que está em seu próprio juízo, e que tenha excelente inteligência. A verdade é que é um assunto tão amarrado por todas as partes que é impossível aclará-lo com qualquer procedimento de arte oratória e tão difícil de entender que dá a impressão de que não poderia ser compreendido nem sequer pelos homens que gozam de um talento grande e extraordinário.

A partir da inverossimilhança: Quem poderia crer que a lira de Orfeu tinha tanto poder como para deter espumosos redemoinhos de água, arrancar árvores das raízes, dominar a ferocidade das bestas desconhecidas e aplacar e abrandar aqueles ânimos duros e inexoráveis dos seres infernais? Sobretudo, porque a natureza não lhes deu o dom de poder perceber musicalidade das canções nem a harmonia dos instrumentos, nem comover-se, entretanto, com as vozes lastimosas e os lamentos dos mortais.

A partir da impossibilidade: Com certeza, de modo algum, pode-se pensar que as árvores e os rios, aos que a natureza privou da faculdade de ouvir, saltaram estupefatos por causa da música de Orfeu. E se os animais mudos tivessem ouvidos, ter-nos-iam obstruídos e tamponados para perceber sons desse aspecto por causa das voltas e curvas de suas orelhas? E como ocorre o fato de que, uma vez que alguém se precipita aos infernos não pode sair, e de que não há quantia em dinheiro que possa libertá-lo dos torturadores e carrascos cruéis e sem piedade?

A partir da incoerência: Admitamos que Orfeu tenha sido um célebre músico e que aquele quem inventou a lira lhe ensinou a tocar a flauta, mas, como pode ser coerente que as coisas surdas pudessem perceber aquele suave canto? Porque as orelhas foram colocadas na parte superior exatamente para

receberem o som, que, por sua própria natureza, sobe e porque não se pode captar com o olfato, o tato, o paladar, a visão, somente com a audição.

A partir da inconveniência: Que há mais inconveniente do que o fato de que Orfeu, destruído e lamentando-se em um mar de lágrimas, suspiros e gemidos pela morte de Eurídice, cantara com harmonia melodias tão doces? O que se enquadra menos com a própria natureza das coisas o fato de que as bestas mais truculentas passaram de estado de raiva e ferocidade natural de sua espécie, e, perdendo o seu furor inato, curvassem os seus pescoços às mãos de Orfeu?

A partir da inutilidade: Posto que são meros devaneios, semelhantes a desvarios de videntes, e carecem de utilidade para aumentar a inteligência dos homens, não me entra na cabeça com que finalidade se contaram estas coisas nos livros e escritos dos antigos, a não ser que se considere como inúteis e mentirosos os inventores de tais estórias.

Epílogo: Porém, vou acabar já, para não dar a impressão de usar mais palavras desnecessárias sobre um assunto tão claro e comprovado por todos, especialmente porque todos os meninos das escolas elementares sabem que é invenção e mentira tudo o que se conta sobre Orfeu nas fábulas dos poetas. (CUSTODIO, 2003, p. 175-181).

Confirmação

Confirmação que é verdade o que os poetas contaram sobre Orfeu.

Exórdio a partir de louvor ao que foi dito: A mim me parece que aquele que desacredita dos textos dos poetas merecem certamente que os demais os alvejem com reprovações por atacar uma classe de homens a quem se deve respeito, pois possuídos por um furor e momentos divinos têm composto brilhantes poemas nos quais se encerram os mistérios da natureza e do comportamento humano. E entre outros que têm merecido o louvor por seus textos ficcionais, devemos começar citando, com os maiores elogios, aquele que inventou a história sobre Orfeu que foi passada para a posteridade.

Exposição: Ao perder Eurídice, que era uma esposa adorável e a chave de sua vida, Orfeu, digo, o músico de Trácia, consolava a sua viuvez e saudade com a lira, tocava-a com tanta doçura que a harmonia das cordas acalmava as feras cruéis e horríveis e transformava sua violência natural em mansidão, desacelerava as torrentes de água mais velozes, arrancava as árvores de suas raízes e, por fim, abrandou o reino sinistro, cruel e malvado dos infernos.

A partir da clareza: Orfeu representa aqui a imagem viva e expressa do varão eloquente: haverá alguém tão estúpido, com tão pouca cultura e com tal ignorância que não veja claramente que tudo isso podia fazer os homens que contam com o recurso da eloquência? Assim é: quando os homens na antiguidade viviam andando pelos campos de um lado para o outro como animais, ferindo e matando uns aos outros, estes lhes convenceram com palavras doces e tranquilizadoras e lhes reuniram em um só lugar; de ferozes e selvagens, fizeram com que ficassem pacíficos e mansos, contiveram aqueles que se entregavam aos mais baixos prazeres e, finalmente, com a força da eloquência dominaram seus ânimos inflexíveis, que lhes imprimiam a violência e a crueldade.

A partir da possibilidade: Sem dúvida, nada que você pensa poderá negar que os oradores foram capazes de fazer tudo isso, e que o poder da eloquência é tal que, uma só pessoa, o filósofo Hegesías de Cirene, foi capaz

de reproduzir com palavras todas as desgraças da vida humana, suas misérias e calamidades, de modo que, ao introduzir essa imagem penosa e miserável no coração de seus ouvintes, produziu em muitos o desejo de suicidar-se, a ponto de o rei Ptolomeu proibi-lo de falar mais desse tema. E que dirá de Marco Antônio, que conteve com a doçura de seu discurso os punhais de Mario e Cina, sedentos de sangue, de modo que os soldados, a quem uns generais sem piedade haviam mandado matar, caíram boquiabertos diante de suas palavras e puseram de lado, sem manchas, suas espadas, já empunhadas e postas em seu pescoço? Mas sem a eloquência não se pode conseguir isto, que parece ser muito mais importante e digno de admiração; não foi mais fácil reunir no interior de uma só muralha os homens que andavam dispersos, e transformar suas vidas ferozes e selvagens em outras humanas e civilizadas; e, uma vez construídas as cidades, dotar-lhes de leis, sistema jurídico e direitos?

A partir da coerência: E que dizer que todos esses testemunhos correspondem sem discrepância ao fato de que temos o poder de persuadir todo o resto dos homens sobre o que é útil e honesto, já que o que nos diferencia radicalmente dos animais é que nos comunicamos pela fala e que, ao falar, podemos expressar o que pensamos valendo-nos da linguagem? Nada é, pois, mais eficaz para mudar a vontade humana; nada mais gratificante do que conhecer e ouvir o discurso adornado e bem polido com sentenças de grande sabedoria e palavras de peso.

A partir da adequação: Os poetas não podiam ter inventado nada que melhor se adequasse aos que dominam a eloquência do que o que é capaz de afastar os homens dos vícios com um discurso agradável, já que são brilhantes artífices e arquitetos da palavra, e fomentá-los em direção à paz, à concórdia, à observância das leis e das normas da sociedade com as recomendações e conselhos mais convenientes.

A partir da utilidade: Ainda que a presente ficção não seja muito bem tramada, é, pelo menos, bastante bem feita para que todos entendam que na eloquência e no discurso artístico reside boa parte da força que permite brotar as emoções e amoldar as vontades apenas pelos nossos discernimento e capricho.

Epílogo: Portanto, devemos elogiar esses poetas que foram os primeiros a imaginar que Orfeu havia domesticado as feras com a harmonia de sua lira. (CUSTODIO, 2003, p. 191-197).

Lugar-comum

Lugar-comum é uma amplificação sobre alguma opinião geralmente aceita, sobre hipotéticas situações de caráter geral e não sobre fatos de uma situação concreta. É chamado assim porque trata de temas gerais, comuns a várias pessoas. É um exercício que discorre longamente sobre uma virtude ou vício, empregando assunto de domínio pessoal à aplicação geral. Os alunos eram convidados a amplificar aspectos positivos e negativos existentes em algo ou em uma pessoa. Caso fosse feito um elogio a um homem justo, nesse exercício, o

estudante deveria explicar que é importante e digna a virtude como a justiça, por exemplo. Os temas comuns desses exercícios eram: assassinato, traição, tirania, tiranicídio, envenenamento físico, tiranicídio feminino, roubo de padres, adultério, roubo de tumbas, de templos. Eles propunham aos estudantes atacar um reconhecido criminoso, como um adúltero, por exemplo; ou falar em defesa de um benfeitor reconhecido, como um herói de guerra ou um legislador.

Passos a serem seguidos, sugeridos por Libânio (GIBSON, 2008, p.141-193):

- 1- Breve introdução, exórdio – generalização sobre o ato.
- 2- Argumento de oposição ao ato.
- 3- Exposição do ato, incluindo uma discussão.
- 4- Vívida descrição do ato e uma avaliação de seus resultados.
- 5- Argumento de comparação a outros atos, incluindo uma declaração sobre a natureza compreensiva do ato.
- 6- Argumento de atos anteriores ao praticado.
- 7- Crítica ao modo de pensar do sujeito.
- 8- Rejeição de piedade usando motivos escolhidos da legalidade, do justo, do possível, do apropriado, da honra e dos resultados.
- 9- Fechamento com uma vívida descrição do ato e/ou uma breve exortação aos jurados.

Um bom exemplo desse exercício é este de Aftônio (CUSTODIO, 2003, p.221-227):

Contra os Bajuladores.

Exórdio: Quantos mortais já desde meninos se dispuseram a pecar com liberdade, de modo que suas vidas foram preenchidas de todos os crimes mais repugnantes, receberam as mais severas penas e tormentos! Sem dúvida, a ninguém se deve castigar com maior contundência do que aos bajuladores; por culpa de sua atitude malvada, os homens não podem reconhecer os próprios erros, mas ao contrário, andam às cegas em plena luz do dia e caem em erros que os fazem carregar a tremenda mancha da desonra e a má fama.

A partir da contraposição: Os deuses imortais não puseram nos homens nada mais benéfico do que a verdade, que é a mãe de todos os bens, mas esta é ofuscada e cega pela bajulação que, ao emanar do crime e do engano, é fonte e origem de todos as mentiras e simulações.

A partir da exposição amplificadora: Quem de toda a avalanche de todos os cidadãos indesejados, pergunto-lhes, pode ser mais pernicioso do que aquele que se infiltra tão bem dentro da vida dos outros, que lhes enche os miolos com elogios e lisonjas, para que não possam enxergar a verdade? Quem é mais daninho que aquele que se empenha em embelezar a feiura dos vícios com os nomes das mais belas virtudes? Quem mais ímpio, criminoso e sacrílego é do que aquele que, quando devasta os templos dos deuses, destrói

a propriedade privada, assassina as suas esposas e seus filhos bem amados e destrói os campos e as obras públicas, age dando a impressão de que tudo isso está a salvo graças a seu bem fazer e vigilância?

A partir da comparação: Os ladrões e assassinos são como muitos bajuladores, pois os primeiros armazenam a fortuna dos outros ou quando se encontram na miséria e mendicância matam qualquer pessoa; todavia, os bajuladores, que não só se amoldam ao sentir e às vontades de outra pessoa, mas também que se dobram a seus rostos e a suas ordens, roubam o que é mais precioso de um homem, a saber, a razão e a prudência, e assassinam a inteligência, de onde resplandece com claridade a ideia e a imagem de Deus.

A partir da intencionalidade: Se o bajulador agiu mal contra a sua vontade, sua maldade poderia ter algum perdão, o pretexto; mas, posto que peca, sabendo o que faz, e atua para ganhar a confiança dos ricos com palavras brandas e lisonjeiras e, conforme se faz escravo de suas vontades e caprichos, perde a noção da bondade e honradez, seu despropósito não merece perdão, já que comete essa má ação por vontade própria e a ordem de estar de acordo em tudo com todos foi dada por si próprio.

A partir da digressão conjectural: Outros homens que cometeram faltas, geralmente, podem apagar com a inocência da vida passada a desonra de suas más ações no presente, pois frequentemente perdoamos os delitos do presente graças à fama de honradez do passado. Mas ao bajulador, ao que continua o costume de pecar e cometer todos os tipos de pecados e que aprendeu a lisonja desmedida graças a um prolongado servilismo, não há chance de cura, de sua redenção no futuro, pois o costume pode mais que a própria natureza e é mais eficaz quando se esbarra com todas as redes dos vícios. Por isso, o bajulador merece ser censurado e repreendido com contundência.

A partir da exclusão da misericórdia: Quem, eu pergunto, se compadeceria dos bajuladores, sendo tal a perversão de sua natureza e a depravação de seu talento que recomendam os vícios e perseguem as virtudes, e se acomodam ao gosto e prazer dos ricos ao ponto de dar-lhes razão em tudo o que digam e seguem tudo o que negam, e não deixam de elogiar com admirável destreza e de comentar com divinos elogios o que saia de suas bocas, por mais vexatório, repugnante, frívolo ou afeminado que seja? Por conseguinte, que caíam todas as condenações aos bajuladores e que paguem aos deuses e aos homens todo o castigo devido, posto que não cessam de levar ao espírito dos mortais a perdição assegurada e a calamidade.

A partir da legitimidade: Posto que as leis tenham sido inventadas e pensadas para que se prescreva o que é correto e se deixe longe o que é mal, não há nenhuma prescrição legal mais importante do que privar um bajulador do contato com os cidadãos e deportá-lo para as ilhas mais distantes, já que perturba as leis com o absoluto engano de todas as coisas, arruínam o estado e elogiam os ricos para gozar dos desejados prazeres da carne fundamentados na aproximação de suas mesas.

A partir da justiça: Nada pode estar mais à altura da justiça e da equidade do que aquele que se deve castigar com mais severa repulsa pois que viola a justiça, afasta seu espírito do estado normal e sob a capa de intenções amistosas e boas se comporta como um inimigo infiltrado.

A partir da utilidade: Realmente seria de grande proveito ao estado e de não pouco benefício a toda a comunidade que se eliminasse do meio aqueles que eliminam do meio a verdadeira amizade e, ao transformarem tudo em

elogios, tenham a culpa de acharmos que não se pode reconhecer nem distinguir o amigo verdadeiro do falso.

A partir da possibilidade: E não é possível que a vós, juízes, a dificuldade do caso os aparte da determinação de aplicar um castigo, posto que levais espadas tão reluzentes e os rodeia um grupo de ajudantes armados tão nutridos que podeis impor as mais severas penas a este tipo de gente e não existe nada tão audaz, nem tão forte, que possa resistir ao vosso empenho.

A partir da honestidade: Não vejo que outra coisa se espera dos juízes, pessoas de maior equidade e respeito, que fazem frente a tamanho furor e despropósitos com as reparações que têm mais à mão, e antepõem a utilidade pública ao seu enriquecimento particular, e que de maior grado abandonam todo o seu interesse pessoal para centrarem-se no que interessa ao resto.

A partir do fim: Pois se os bajuladores pagarem o preço que merecem pela sua temeridade e sua natureza viciosa, o resultado será que todo o resto dos mortais, afastado desse mesmo tipo de vida, cultive a verdade e fuja do ócio, origem de todos os vícios, e busque o sustento com o suor de seu rosto e, quando disposto a viver bem e de forma respeitável, persiga com ódio capital esses vagabundos do trabalho e do trâmite dentre os demais.

Proposta de atividades

Apresentaremos, a seguir, exemplos de aplicação dos exercícios em turmas de Ensino Médio. Espera-se que, a partir de tais exercícios, o educador proponha atividades escritas semelhantes em suas turmas a fim de que, por meio dessas, elaboradas a partir dos modelos dos antigos progymnasmata, exercite a capacidade de posicionamento crítico e da escrita de seus alunos, incentivando-os a pensarem sobre várias questões e organizarem esses pensamentos em seus textos escritos.

Recomendamos que, antes da leitura dos textos e dos exercícios, seja feita uma pesquisa sobre a vida e obra de seus autores. Também seria interessante a abordagem de costumes, fatos históricos, políticos e literários da época em que cada texto foi produzido, pois esse conhecimento é essencial para a sua compreensão e para que tenha mais facilidade e condições de realização dos exercícios propostos. É necessário também que, antes da atividade escrita, o professor faça leitura detalhada do texto principal, solicite ao aluno para recontá-lo com suas próprias palavras oralmente e/ou por escrito; trate de questões de compreensão e de vocabulário. Sugerimos que o professor dê um exemplo do exercício para que o aluno saiba como fazer, podendo utilizar os apresentados nesse artigo ou, se preferir, escrever os seus próprios exemplos sobre questões diferentes da que está propondo ao aluno.

Atividade — Lugar-comum

a) Leia a fábula "O Velho, o Menino e a Mulinha" de Monteiro Lobato:

O velho chamou o filho e disse:- Vá ao pasto, pegue a bestinha ruana e apronte-se para irmos à cidade, que quero vendê-la.

O menino foi e trouxe a mula. Passou-lhe a raspadeira, escovou-a e partiram os dois a pé, puxando-a pelo cabresto. Queriam que ela chegasse descansada para melhor impressionar os compradores. De repente...

- Esta é boa! - exclamou um viajante ao avistá-los. O animal vazio e o pobre velho a pé! Que despropósito! Será promessa, penitência ou caduquice?... E lá se foi a rir.

O velho achou que o viajante tinha razão e ordenou ao menino: - Puxa a mula, meu filho. Eu vou montado e assim tapo a boca do mundo.

Tapar a boca do mundo, que bobagem! O velho compreendeu isso logo adiante, ao passar por um bando de lavadeiras ocupadas em bater roupa num córrego.

- Que graça! - exclamaram elas. O marmanjão montado com todo o sossego e o pobre menino a pé... Há cada pai malvado por este mundo de Cristo... Credo!...

O velho danou e, sem dizer palavra, fez sinal ao filho para que subisse à garupa. Quero só ver o que dizem agora...Viu logo. O Zé Biriba, estafeta do correio, cruzou com eles e exclamou:

- Que idiotas! Querem vender o animal e montam os dois de uma vez... Assim, meu velho, o que chega à cidade não é mais a mulinha; é a sombra da mulinha...

- Ele tem razão, meu filho, precisamos não judiar do animal. Eu apeio e você, que é levezinho, vai montado.

Assim fizeram, e caminharam em paz um quilômetro, até o encontro dum sujeito que tirou o chapéu e saudou o pequeno respeitosamente.

- Bom dia, príncipe!

- Por que príncipe? - indagou o menino.

- É boa! Porque só príncipes andam assim de lacaio à rédea...

- Lacaio, eu? esbravejou o velho. Que desaforo! Desce, desce, meu filho, e carreguemos o burro às costas. Talvez isto contente o mundo...

Nem assim. Um grupo de rapazes, vendo a estranha cavalgada. acudiu em tumulto, com vaías:

- Hu! Hu! Olha a trempe de três burros, dois de dois pés e um de quatro! Resta saber qual dos três é o mais burro...

- Sou eu! - replicou o velho, arriando a carga. Sou eu, porque venho há uma hora fazendo não o que quero, mas o que quer o mundo. Daqui em diante, porém, farei o que me manda a consciência, pouco me importando que o mundo concorde ou não: já vi que morre doido quem procura contentar toda gente... (LOBATO, 1994, p.12-13)

b) “Quem quer agradar a todos não agrada ninguém” é a moral dessa fábula apresentada na versão de Esopo ("O moleiro, o filho e o burro") que foi adaptada por Lobato.

Agora, é a hora de você pensar mais sobre esse assunto e escrever um texto no qual exponha o seu posicionamento sobre essa questão.

As instruções a seguir irão ajudá-lo a organizar as suas ideias.

Parágrafo 1-Comece com uma frase na qual exponha o seu posicionamento contra as pessoas que sempre se preocupam em agradar os outros com suas ações, mesmo que, para isso, deixem de agradar a si próprias. Seja claro e específico. Lembre-se de que uma tese é uma visão pessoal sobre a questão e pode ser questionada. No mesmo parágrafo, apresente dois argumentos que reforcem a sua tese e dê mais detalhes sobre esses argumentos. Termine o parágrafo com uma ideia contrária, uma declaração que considere o lado oposto do que você apresentou.

Parágrafo 2- Desenvolva essa ideia contrária, comparando essas pessoas àquelas que não se importam com as opiniões dos outros sobre o que fazem. Use uma pessoa específica para ilustrar esse tipo de indivíduo. Apresente detalhes das ações realizadas por ela.

Parágrafo 3- Escreva um solilóquio representando os pensamentos de uma pessoa que está sempre querendo agradar a todos. Um solilóquio é um discurso em que o ator fala para si próprio diante de uma plateia, é expressão de pensamentos interiores de um personagem. Use introduções como “Uma pessoa que está sempre disposta a agir para agradar os outros diria...” ou “Se pudéssemos ouvir os pensamentos de uma pessoa que está sempre disposta a agradar os outros seriam como esses:”. Lembre-se de que o leitor estará convencido de suas razões ao atualizar em palavras os pensamentos desse tipo de pessoa.

Parágrafo 4- Compare os pensamentos desse tipo de pessoa com outra que não seja assim, mas que tenha outro defeito; e considere uma delas a pior pessoa. Você pode comparar com um bajulador, um fofoqueiro, por exemplo.

Parágrafo 5- Explique por que os leitores não deveriam ter pena de uma pessoa assim. Reforce a sua declaração usando transcrição de um trecho da narrativa para suportar o seu argumento.

Parágrafo 6- Escreva um epílogo ou conclusão apelando para a honra, justiça ou sérias consequências que podem advir dessa postura. Use um exemplo dos textos que leu para suportar o seu apelo final. Por exemplo: “É justo uma pessoa viver toda a sua vida em função de agradar os outros com seus atos?” ou “O que acontece para os outros que convivem com uma pessoa que age assim?” ou “O que pode acontecer para essa pessoa?”.

Atividade — Confirmação e Refutação

a) Leia, com atenção, o poema "Receita de Mulher" de Vinícius de Moraes:

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture
Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República
Popular Chinesa).
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da
aurora.
É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e desabroche
No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso
Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas
Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns braços
Alguma coisa além da carne: que se os toque
Como o âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então
Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca
Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.
É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos
Despontem, sobretudo, a rótula no cruzar as pernas, e as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.
Gravíssimo é, porém, o problema das saboneteiras: uma mulher sem
saboneteiras
É como um rio sem pontes. Indispensável
Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteia em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!
Os membros que terminem como hastes, mas bem haja um certo volume de
coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima
penugem
No entanto sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vezes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre

Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos
Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca
inferior
A 37º centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras
Do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro de paixão
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.
Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que se se fechar os olhos
Ao abri-los ela não mais estará presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá
E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos fazer
beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesma
Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação
inumerável.(MORAES, 1959, p. 25-27)

b) A beleza é fundamental? Depois de pensar sobre o assunto, escreva uma confirmação e uma refutação ao ponto de vista do poeta. Para esse exercício, revise com o seu professor os conceitos: improvável, inacreditável, obscuro e impróprio e siga os passos a seguir.

1) Para discordar dessa ideia e do que disse, escreva os seus parágrafos do seguinte modo:

1º parágrafo- Apresente o poema e seu autor. Depois, diga, em poucas palavras, porque algumas descrições em versos do poema são obscuras ou inapropriadas ou inacreditáveis ou improváveis.

2º parágrafo- Faça um resumo do poema, em prosa, em quatro ou cinco linhas, com suas próprias palavras e seu próprio estilo.

3º parágrafo- Ataque ou refute alguns versos, usando bons argumentos. Por que as ideias são inacreditáveis, obscuras, inapropriadas ou improváveis? Explique com detalhes suas justificativas e use citações retiradas do poema para ilustrá-las.

4º parágrafo- Conclua o seu texto com um breve epílogo. Reforce os seus argumentos e /ou faça uma sugestão ao autor para que ele revise os seus conceitos.

2) Para concordar, oriente-se pelas dicas apresentadas a seguir:

1º parágrafo- Apresente o poema e seu autor. Depois, diga em poucas palavras, porque algumas descrições em versos do poema são claras ou apropriadas ou acreditáveis ou prováveis.

2º parágrafo- Faça um resumo do poema, em prosa, em quatro ou cinco linhas, com suas próprias palavras e seu próprio estilo.

3º parágrafo- Defenda e confirme alguns versos com bons argumentos. Por que as ideias são claras ou apropriadas ou acreditáveis ou prováveis? Explique com detalhes suas justificativas e use citações retiradas do poema para ilustrá-las.

4º parágrafo- Conclua o seu texto com um breve epílogo. Reforce os seus argumentos e encoraje o seu leitor a aceitar as ideias apresentadas pelo poeta sobre a receita de mulher perfeita.

Atenção: O seu texto não precisa, necessariamente, ter apenas quatro parágrafos. Considere o termo “parágrafo” como se fosse “parte” do texto.

Considerações Finais

A principal razão que nos fez utilizar os *progymnasmata* como modelo para a metodologia elaborada para o ensino do texto dissertativo-argumentativo no Ensino Médio (de que, nesse texto, há apenas uma pequena amostra) foi a seguinte: é um dos únicos programas de composição textual encontrado em nossas pesquisas sobre Retórica que privilegia o desenvolvimento de ideias, do posicionamento crítico do aluno, em vez de técnicas de escrita com abordagem de tipos de argumentos e estrutura textual, por exemplo.

Dentre os 14 exercícios, optamos pela apresentação de apenas três nesse artigo — refutação, confirmação e lugar-comum — por serem ideais para a preparação dos alunos para a elaboração futura da dissertação na prova do Enem. Por meio deles, o estudante desenvolve habilidades fundamentais para a competência argumentativa (demonstrada nos exemplos apresentados) que será necessária conquistar até o fim do Ensino Médio.

Os *progymnasmata* são um presente que os gregos nos deixaram; e esse tesouro precisa ser utilizado na atualidade. Esperamos que esses bens valiosos possam ser valorizados pelos professores e que possam enriquecer o ensino do texto dissertativo-argumentativo nas escolas de Ensino Médio do país para que os alunos tenham mais condições de defesa de posicionamento crítico em seus textos e não escorreguem nos córregos da escrita.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Redação no Enem 2017 Cartilha do Participante* Ministério da Educação | Mec Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb). Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf Acesso 13 dez. 2017.
- COSTA, Sergio Roberto. *Dicionário de Gêneros Textuais* - 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- D'ANGELO, Frank. *Composition in the Classical Tradition*. Boston: Allyn and Bacon, 2000.
- FLEMING, J. David. *The very idea of a Progymnasmata*. *Rhetoric Review*. Vol. 22, nº 2, 2003, 105-20.
- GIBSON, Craig A. *Better living through prose composition? Moral and compositional pedagogy in ancient Greek and Roman progymnasmata*. University of California: *Rhetorica*, vol. XXXII, Issue 1, pp.,1-30, 2014 by The International Society for the History of Rhetoric.
- GIBSON, Craig A. (tradutor) *Libanius's Progymnasmata. Model Exercises in Greek Prose Composition and Rhetoric*. (Writings from the Greco-Roman World, nº 27). Atlanta: Society of Biblical Literature, 2008.
- JUNIOR, Manuel Alexandre. *Os exercícios preparatórios de Retórica: formas básicas de argumentação e expressão literária*. Retórica. Actas do I Congresso Virtual do Departamento de Literaturas Românicas. Portugal: Faculdade de Letras de Lisboa, 2005.
- KENNEDY, George A. (translated) *Progymnasmata. Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MARTIN, Roberta Hernandez Vima Lia. *Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Positivo, 2013.
- MORAES, Vinícius de. *Novos Poemas II*. Rio de Janeiro: São José, 1959.
- OLIVEIRA, Alexandre. Desempenho médio nas competências em Redação in *Pontuação nas competências da redação +Enem*. 2016. Disponível em <https://maisenem.meritt.com.br/diagnostico-pedagogico>. Acesso 13 dez. 2017.
- PEREZ CUSTÓDIO, Violeta. *Alfonso de Torres. Ejercicios de Retórica*. Madrid: Alcañiz, 2003
- SIGRELL, Anders. *Progymnasmata – an answer for today's rhetorical pedagogy?* *Academic Exchange Quarterly* vol. 7, nº 1, (spring 2003, p.112-116).

Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em abril de 2018.